

A escola no século XIX:

Representações em Machado de Assis. Alessandra Maria Moreira Gimenes, Programa de Pós-Graduação em Educação UNESP- Campus de Rio Claro
Profa. Dra. Maria Augusta Hermengarda Wurthmann Ribeiro Departamento de Educação UNESP/Rio Claro.

RESUMO: O texto procura analisar a trajetória da Educação brasileira, partindo do final do século XIX procurando apreender suas representações, a saber, a legislação entendida enquanto prática ordenadora das relações sociais, os interesses a que servia; o ideal de sociedade e cidadão que se buscava construir, bem como as novas tendências pedagógicas e a maneira como são incorporadas ou interpretadas pela literatura do período, especificamente nas obras *Conto de escola* e no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis. No movimento das personagens da ficção machadiana buscaram-se as perspectivas de Educação, os métodos de professores, as expectativas e desejos de alunos, a concepção de escola do final do Império. Este trabalho constitui as preliminares de pesquisa para dissertação de mestrado.

Palavras-chaves: Educação, História da Educação, Literatura, Machado de Assis.

A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia – uma segunda-feira, do mês de maio – deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de São Diego e o Campo de Sant’Ana, que não era então esse parque atual, construção de *gentleman*, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? (MACHADO, 1986, p.159)

Conto de Escola, ambientado em 1840, publicado na Gazeta de Notícias em 1884 e, posteriormente, na coletânea *Várias Histórias* em 1896 é, na opinião de John Gledson, um dos contos mais famosos de Machado de Assis. Temos algumas interpretações, de críticos que dizem que seu tema gira em torno da Educação e da escola; outros, que o tema que está subentendido na linguagem que mascara a intenção, característica machadiana, é o da corrupção e a delação. É inegável que o conto passa por tais temas, porém, nossa hipótese é de que o Conto de Escola não

se refere somente à escola, mas a utiliza como espaço para um outro tema - o da sociedade.

Narrado em primeira pessoa, o conto inicia-se com dados precisos sobre a época em que a história se passa e sobre o espaço físico onde a escola funcionava.

O dilema do protagonista e narrador, o menino Pilar, que precisa decidir entre ir à escola ou viver o dia como de hábito, a brincar ora no morro, ora no campo, termina com a escolha pela escola, visto que a recordação da surra que havia levado do pai um “velho empregado do Arsenal de Guerra” pesou-lhe na memória.

De comportamento nada adequado visto que “não era um menino de virtudes”, Pilar era uma criança inteligentíssima, se comparado a seus colegas de sala. Sentido-se entediado por ter terminado a lição antes dos colegas é surpreendido com uma proposta de Raimundo seu colega de sala e filho do mestre escola Policarpo que “não fazia caso da escola”, entretido que estava a ler o jornal. Raimundo propõe a Pilar uma moeda de prata em troca de explicações para a lição de sintaxe. O negócio é feito sem o conhecimento do mestre Policarpo que acaba tendo conhecimento do fato por meio da denúncia de outro aluno, Curvelo. O mestre, considerando o ato “feio, indigno, baixo, uma vilania”, acaba por punir Pilar e Raimundo com o pior que ele podia ter: a palmatória

E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, dependurá-la e brandi-la, com a força de costume, que não era pouca. (MACHADO, 1986, p.162).

A mesma palmatória que ocupa a cena nas críticas veladas aos métodos educacionais em voga na época, nas passagens do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

“Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste o *compelle intrae* com que um velho mestre ossudo e calvo, me incutiu no cérebro o alfabeto, a prosódia, a sintaxe, e o mais que ele sabia, benta palmatória, tão praguejada dos modernos, quem me dera ter ficado sob teu jugo, com a minha alma imberbe, as minhas ignorâncias, e o meu espadim, aquele espadim de 1814, tão superior à espada de Napoleão!” (MACHADO, pg.38).

No entanto, o escritor prefere o jugo da palmatória, metodologia usada à época pelos mestres para o ensino de vários conteúdos, a outros métodos que a própria vida vai nos inculcando nas experiências diárias de aprendizado.

Em *Conto de escola*, humilhado pelo castigo e sem a moeda que o mestre jogara pela janela, restava a Pilar quebrar a cara de seu delator Curvelo, porém este consegue escapar no término da aula. Na manhã seguinte, Pilar dirige-se à escola agora com a esperança de encontrar a moeda, mas acaba por cabular a aula, embriagado que ficara ao som dos tambores de um batalhão de fuzileiros que encontrara no caminho. Volta para casa com as calças enxovalhadas, mas sem ressentimento na alma, e é aí que muitos autores encontram a moral do conto:

“E, contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo o tambor...” (MACHADO, 1986, p.167).

Para Milene Kloss, Pedro Brum e Rosani Umbuch, o tema central do conto também está na corrupção e na delação, comportamentos condenados, porém presentes no convívio humano, sobretudo em uma sociedade capitalista que valoriza extremamente o dinheiro, que seduziu Pilar por meio daquela bonita moeda.

Para outros autores, como Sílvia Craveiro Gusmão Garcia e Antonio Manoel dos Santos Silva, a maior preocupação de Machado de Assis em *Conto de escola* é a formação do caráter, a normatização da criança para a sociedade. A escola é vista como um ambiente de coerção e medo. Segundo os autores, a Educação é uma preocupação, que pode ser percebida em outras obras de Machado de Assis

“Mas se trata de apenas um dos aspectos pelos quais o nosso maior escritor procura refletir sobre a educação. Não custa referir a importância que atribui ao seminário na formação de Bentinho em D. Casmurro ou os vínculos sugestivos que estabelece, pelo contraste entre natureza e cultura, entre o comportamento dos gêmeos Pedro e Paulo em Esaú e Jacó e todo o processo de educação familiar. (GARCIA, S.C.G. SILVA. A M.S, p.45-46)”.

A escola, retratada no conto, reflete as características da escola do Brasil do período colonial, da Regência e que se arrastaria pelo Império, encontrando nos dias de hoje alguns de seus vestígios. Naquela época, seguindo a tradição escravocrata da punição pelo castigo físico, também a Educação refletia tal tendência que pode ser observada em duas das personagens. Primeiramente, no pai de Pilar que para corrigir - lhe o fato de cabular aula aplica-lhe uma surra. Segundo o narrador “as sovas de meu pai doíam por muito tempo”. (MACHADO, 1986, p.159).

A outra personagem, o mestre Policarpo, nos mostra como os professores podiam abusar de sua autoridade, humilhando o aluno física e moralmente:

“Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupou nada, dous, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem - vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! Tratantes! Faltos de brio! (MACHADO, 1986, p.165-166)

A escola é retrata como sendo uma prisão, um lugar sufocante, que causa arrependimento ao narrador Pilar logo no início dos trabalhos

“Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano”. (MACHADO, 1986, p.161.).

Do ambiente fechado pelas “paredes” da escola para a liberdade dos morros os alunos da escola e mestre Machado oscilam entre “aprender” e “viver”.

Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a ociosos.(MACHADO,pg.38.).

O século XIX

Pensando na questão do início do século, e no poder mítico que o novo, o recomeço, provoca nas pessoas, voltamo-nos para a História, na tentativa de apreender quais eram os pensamentos, as expectativas daqueles homens e mulheres da virada do XIX para o século XX e que inquietações guardavam para a Educação.

A escolha pelo século XIX, portanto não foi aleatória, parte das inquietações do presente e procura respostas a partir das construções destinadas à Educação no referido período, marco incontestado de grandes transformações em âmbito mundial e que mudariam toda a sociedade.No Brasil foi a gênese de acontecimentos que seriam decisivos para o futuro do país.Já no início do oitocentos, no ano de 1807, tivemos a chegada da família real portuguesa; a abertura dos portos às nações amigas em 1808; a proclamação de nossa independência política em 1822, já no final do século a abolição da escravatura em 1888 e a proclamação da República em 1889.

No período Joanino, com o intento de modernizar a colônia foram criadas algumas instituições e com elas alguns cursos como prenúncio de Educação.Dentre essas instituições destacam-se o Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1810), o Museu Nacional (1818), e em nível Superior cursos de Anatomia, Medicina, Engenharia.Foram criadas escolas de Química Industrial, Agricultura, Mineralogia, etc. Ressalta-se a importância dessas instituições para o período em que foram criadas assim permanecendo por muito tempo, no entanto no que concerne ao povo, sua atuação foi quase inexistente.Para Fernando Azevedo

“As novas instituições, isoladas e dispersas, que passaram no tempo de D. João VI, a constituir a superestrutura do sistema cultural, vacilavam, sem raízes profundas, nessa organização em que nada se criou para atacar as reformas pela base, arrancando-nos as preocupações de nossa educação literária, e para fazer infletir a cultura na direção dos estudos filosóficos e científicos”. (AZEVEDO, 1971, p.382).

Embora alguns estudiosos apontem casos isolados e algumas poucas tentativas de se instaurar o ensino elementar, as maiores preocupações aconteceram após a

Proclamação da Independência brasileira como fator que desencadearia o progresso para a jovem nação. Na Assembléia Constituinte de 1823, a importância da instrução pública aparece de forma utópica: “Haverá no Império escolas primárias em cada termo, ginásios em cada comarca, e universidades nos mais apropriados locais”.

Ao que tudo indica, as belíssimas projeções contidas na lei não conseguiram alcançar devidamente o público para o qual haviam sido criadas, visto que a preocupação permanece e retorna na Constituição de 1834 que, segundo Regis de Moraes, foi “o Ato Adicional à Constituição de 1834 que logrou fazer alguma coisa pela educação elementar. Por esse ato, o governo central atribuía a cada província a tarefa de educar provinciais, numa medida de descentralização”. (MORAIS pg 99.1989.). Embora tenham sido precárias as conseqüências do Ato Adicional, houve um aumento do número de escolas elementares no Império, mesmo assim pelo final do XIX as escolas primárias eram poucas se comparadas aos 14 milhões de habitantes.

Para situarmos a Educação, no contexto do final do século XIX cabe colocar as descrições de Rui Barbosa no prefácio de sua obra *O papa e o Concílio*, de onde podemos vislumbrar a situação política e econômica e cultural do Império.

“Um governo pusilânime e, pior que isto, campeão na permissividade às corrupções; a câmara dos deputados aviltada por si mesma, de fiasco, merecendo vaias das galerias; irresponsabilidade em todos os graus hierárquicos; escândalos com personalidades, Servilismo e desfibramento de caráter; a instrução pública uma coisa ainda por criar, uma ridícula mesquinha negaceada às classes carentes, aleijada, impura, envenenada pelo patronato, inacessível à maioria dos contribuintes. (BARBOSA, pg 5-7. Apud. MORAIS, p.93. ___ grifo nosso).

As descrições espantam pela semelhança com os dias atuais, de onde partem além de outras a questão das transformações e das permanências, ou seja, até que ponto podemos perceber as permanências e transformações na sociedade brasileira no tocante às medidas e práticas destinadas à Educação?

Os intelectuais do século XIX, como Rui Barbosa e de certa forma Machado de Assis, lutaram pela instituição do ensino público, depositando nele a esperança no combate ao atraso do país e como medida principal que levaria ao progresso da nação brasileira.

“Tratou-se de definir as finalidades da escola primária e os meios de sua universalização. Esse processo implicou debates acerca da democratização da cultura e da função política da escola nas sociedades modernas. Dessa forma, a discussão sobre o conteúdo da escolarização popular tornou-se uma temática central e oscilou em decorrência de diferentes interesses políticos, ideológicos, religiosos, sociais, econômicos e culturais. (SOUZA, 2000.p.1-2)”.

Ao ser instituído em 1891 já na República, sob responsabilidade dos Estados, ficando para a União a tarefa de cuidar do ensino secundário e superior, o ensino elementar, sua função e seus problemas se arrastariam aos dias atuais.

Por ser o final do século XIX, a gênese do processo de transformações na Educação Brasileira, pensamos ser também este o período que precisa ser repensado e analisado na busca de possíveis respostas e contribuições para a Educação do presente. e as representações da escola e do ensino na obra do grande escritor Machado de Assis.

Como muitos intelectuais da época e na visão de alguns estudiosos, Machado de Assis preocupa-se com o tema da identidade nacional, como mostra John Gledson em seu artigo *A História do Brasil em Papéis avulsos de Machado de Assis* “É preciso dizer, desde já que acredito que aqui mais do que nunca, as especulações de Machado de Assis se centram na questão da identidade nacional que tão freqüentemente tem preocupado os intelectuais latino-americanos desde a independência. (GLEDSON, 1998.p.18)”.

As novas conquistas da modernidade entendida enquanto ambigüidade, ao mesmo tempo em que desperta o desejo de inovações tanto de ordem científica como culturais, entusiasma seus simpatizantes por um lado, destrói antigos costumes de outro. Um mundo de contradições, que fazem com que o indivíduo sinta-se vivendo em dois mundos no qual coexistem o passado e o presente. Período de transição de constantes transformações políticas, econômicas e culturais, afetando a sociedade e, portanto a Educação. Homem de sua época, o homem e a época, Machado de Assis, presenciou o encontro desses dois mundos o que chega e o que se despede, ocupando-se o escritor em interpreta-lo em sua ficção.

Toda a obra de Machado de Assis, o romancista do segundo Reinado, segundo Astrogildo Pereira

“Nesses contos muito se terá que estudar e aprender do nosso passado, na sua obra, melhor que em qualquer outra, encontramos uma imagem do conjunto mais expressiva do fenômeno brasileiro normal, isto é da gente e da terra em suas manifestações normais, cotidianas, correntes, As criaturas envolvidas na complicação e nos conflitos que ele explorou nos seus livros são a réplica literária de outras criaturas de carne e osso, que viveram em dado momento histórico num dado meio social”. (RODRIGUES, 1982, p.17.).

A análise da literatura de Machado de Assis mostra-se de suma importância para ampliarmos nossos conhecimentos a cerca da sociedade e da Educação do século

XIX, procurando perceber permanências e alterações, ou seja, práticas comuns ou não à escola do século XXI. Por seu tema girar na análise da alma humana e sendo “a Educação uma aventura tão tipicamente humana”, a literatura machadiana é, portanto perfeitamente cabível às inquietações do presente. Em suma, o assunto abordado, com fins de se tornar uma futura dissertação de mestrado, exige um conjunto de análises relativamente amplas, ao que nos propomos no decorrer da pesquisa.

Bibliografia:

ASSIS, Machado de. **Os melhores contos de Machado de Assis**, São Paulo, Global, 1986.

_____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, São Paulo, Ed. Ática, 1997.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**, Melhoramentos/EDUSP, 1971.

GARCIA, S.C.G. SILVA, A. M.S. **Violência nas primeiras letras: a escola num conto de Machado de Assis**, Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v.3,n5,1999.

GLEDSON, John. A História do Brasil em Papéis Avulsos de Machado de Assis. In **a História Contada: Capítulos de História Social da Literatura no Brasil**, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1998.

MORAIS Regis de. **Cultura brasileira e Educação**, Campinas, São Paulo, Papirus, 1989.

RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**, 4.^a Ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1982.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Inovação educacional no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil**, Cad. CEDES v.20 n.51, Campinas, nov.2000.

KLOSS, M.V. SANTOS, P. B. UMBACH.R. **A Corrupção em Conto de escola**. Ano I – N.º 04 – maio de 2002 – Quadrimestral – Maringá – PR – Brasil – ISSN 1519.6978.